

Revista Filosófica de Coimbra

vol.15 | n.º29 | 2006

João Maria André
Edmundo Balsemão Pires
Alexandre Franco de Sá
Nuno Venturinha
Pedro Spinola Pereira Caldas
Bernardo Ferreira
João Madeira

AS ORIGENS DO *TRACTATUS* DE WITTGENSTEIN*

NUNO VENTURINHA**

Resumo: De acordo com a lista epistolográfica de Scholz, Wittgenstein terá informado Frege no dia 25 de Agosto de 1915 que estava naquela altura a preparar um “tratado” (*Abhandlung*). Algum tempo mais tarde, numa carta de 22 de Outubro daquele ano, Wittgenstein comunica isso mesmo a Russell, referindo-se então a um “último resumo escrito a lápis em folhas soltas”. Esse texto, que constituiria uma primeira versão da obra, nunca foi encontrado. Porém, com base num inventário de manuscritos e dactiloscritos elaborado por Hermine Wittgenstein em Janeiro de 1917, o qual acompanha uma missiva ao seu irmão de 7 de Junho desse ano, é possível reconstruir, muito significativamente, o percurso literário wittgensteiniano desde 1913 até essa época. Efectivamente, torna-se claro que haveria, em primeiro lugar, um caderno pré-guerra, do qual derivaram quer as chamadas “Notes on Logic” de 1913 (Ts 201 do catálogo de von Wright), quer as denominadas “Notes dictated to G. E. Moore in Norway” de 1914 (D 301); depois, que aos dois primeiros diários de guerra que conhecemos (Mss 101-102) se seguiria um outro, que faria a ligação com o terceiro dos cadernos subsistentes (Ms 103); e, por fim, que dois dactiloscritos desconhecidos estariam intimamente relacionados com o volume que contém a versão manuscrita do *Tractatus*, concluída em 1918 (Ms 104). Ora, é precisamente neste item que as várias fases de composição da obra podem ser estudadas com precisão. Aí figura,

* Este texto decorre de uma conferência proferida, a convite do Prof. Doutor Henrique Jales Ribeiro, no Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 30 de Novembro de 2005, tendo por base os §§ 1, 3 e 15 da dissertação de doutoramento do autor, *Lógica, Ética, Gramática. Wittgenstein e o Método da Filosofia*, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2006.

** Instituto de Filosofia da Linguagem da FCSH-UNL.

nas primeiras vinte e oito páginas, um bloco proposicional que equivalerá ao “resumo” mencionado em Outubro de 1915. Mas, mais importante ainda, encontramos aí também, concretamente até à página 70, o conjunto textual correspondente àquilo que se poderá designar por *Tractatus logicus* - ou *Logische Abhandlung*. Este trabalho não incluiria nenhuma observação sobre ética, inclusive a proposição final (que nos surge na página 71), consistindo numa investigação exclusivamente lógica. Será apenas a partir dos subsequentes acrescentos textuais ao Ms 104 que o *Tractatus logico-philosophicus* – ou a *Logisch-philosophische Abhandlung* – adquirirá os seus contornos. Uma genealogia do livro reveste-se, assim, de todo o interesse. Ela permite um acompanhamento privilegiado da analítica inicial wittgensteiniana, abrindo linhas de leitura fundamentais para a sua compreensão.

1. O “resumo escrito a lápis em folhas soltas” e o Ms 104. A hipótese da existência de um diário entre os Mss 102 e 103. Análise das *Verfügungen* wittgensteinianas de 1917. Identificação do “manuscrito norueguês” e dos Mss 101-102. As posições de McGuinness e de Geschkowsky acerca do Ms 103: o “livro em quarto” e o “livro em oitavo”. A relação da versão manuscrita “para publicação” com o dactiloscrito de Olmütz

Numa carta a Russell, de 22 de Outubro de 1915, Wittgenstein escreve:

Trabalhei bastante nos últimos tempos e creio que com bom resultado. Estou neste momento a resumir tudo e a redigir sob a forma de um tratado. Agora, não publicarei de maneira alguma qualquer coisa antes que a tenhas visto. Todavia, naturalmente, isso só pode acontecer depois da guerra. Mas quem sabe se irei sobreviver. No caso de eu não sobreviver então manda a minha gente te enviar todos os meus manuscritos, entre os quais se encontra o último resumo escrito a lápis em folhas soltas. Irá dar-te talvez algum trabalho compreender tudo, mas não te deixes intimidar com isso.¹

¹ “Ich habe in der letzten Zeit sehr viel gearbeitet und, wie ich glaube, mit gutem Erfolg. Ich bin jetzt dabei das Ganze zusammenzufassen und in Form einer Abhandlung niederzuschreiben. Ich werde nun keinesfalls etwas veröffentlichen, ehe Du es gesehen hast. Das kann aber natürlich erst nach dem Kriege geschehen. Aber, wer weiß, ob ich das erleben werde. Falls ich es nicht mehr erlebe, so laß Dir von meinen Leuten meine ganzen

O texto a que Wittgenstein se refere como “o último resumo escrito a lápis em folhas soltas” nunca foi encontrado. Trata-se, evidentemente, de uma versão inicial do *Tractatus*, a qual, à partida, tem de ser anterior ao chamado *Prototractatus* (Ms 104),² na medida em que este comporta – a partir da página 75 – observações oriundas do Ms 103, cuja primeira entrada completa data de 29 de Março de 1916.³ Dado que o Ms 102 termina no dia 22 de Junho de 1915 e que o terceiro diário subsistente começa nas páginas verso (em código) supostamente a meio de uma frase,⁴ parece legítimo admitir que tenha existido, pelo menos, um caderno entre os Mss 102 e 103⁵ – o qual poderá ter forne-

Manuskripte schicken, darunter befindet sich auch die letzte Zusammenfassung mit Bleistift auf losen Blättern geschrieben. Es wird Dir vielleicht einige Mühe machen alles zu verstehen, aber laß Dich dadurch nicht abschrecken.” (*Gbw* (CL, 55)) A resposta de Russell, de 25 de Novembro desse ano, é, nos seus traços gerais, a seguinte: “Es war mir eine sehr große Freude Deinen lieben Brief zu erhalten – erst vor einigen Tagen ist er angekommen. Es freut mich ganz außerordentlich daß Du eine Abhandlung schreibst die Du veröffentlichen willst. Ich glaube kaum daß es notwendig sei bis zum Ende des Krieges zu warten. Könntest Du nicht das MS. vervielfältigen lassen und nach Amerika schicken? Professor Ralph Barton Perry, Harvard University [...], kennt Deine früheren logischen Theorien durch mich. Er würde mir das MS. schicken, und ich würde es veröffentlichen.” (*Gbw* (CL, 56)) No entanto, a correspondência entre Wittgenstein e Russell somente será reatada em Fevereiro de 1919. Já Frege, com quem Wittgenstein continuará a comunicar durante a guerra, responde no dia 28 de Novembro a pelo menos dois postais perdidos nos seguintes termos: “Es freut mich, daß Sie immer noch Zeit und Kraft für wissenschaftliche Arbeiten übrig haben.” (*Gbw* (Frege 1989, 3)) A comunicação anterior de Wittgenstein a Frege de que temos notícia data de 25 de Agosto daquele ano, sendo o seu conteúdo assim descrito na lista epistolográfica fregiana de Scholz: “W[ittgenstein] an Fr[ege] über seine Abhandlung[.] Neue Adresse.” (*Gbw* (Frege 1976, XLV/6))

² Refira-se que o Ms 104 inclui, para além do *Prototractatus* – que Wittgenstein já intitula “Logisch-Philosophische Abhandlung” (p. v) -, um conjunto de correcções (pp. 103-118) e um prefácio (pp. 119-121), muito semelhante ao da versão final da obra.

³ Segundo von Wright (1982, pp. 70-71) essa é a única razão para que o “resumo” não possa ser o próprio *Prototractatus*. Mas note-se, ademais, que o Ms 104, embora escrito a lápis, tem como suporte um livro grande de anotações (20 × 24,5 cm), facto a que não estava alheio von Wright (*ibid.*, p. 65). Ora, em função das suas primeiras setenta e cinco páginas, é apenas esse aspecto que prova que o Ms 104 é um documento ulterior, como se verá adiante.

⁴ “ten und müsse mir das Leben nehmen.” (Ms 103, p. 1v(c) (*GTb*, [28.3.16])) O código wittgensteiniano, que se indica através da justaposição de “(c)” à respectiva página – *recto* ou *verso* -, é bastante simples, correspondendo a primeira letra do alfabeto à última, a segunda à penúltima e assim por diante, à excepção do “r”, que pode significar tanto o “i” como o “j”, e do “n”, que não tem transmutação. A indicação da data da entrada entre parênteses rectos resulta do facto de ser meramente provável.

cido algum material para a “sinopse” referida. Porém, devido ao facto de Wittgenstein ter estado ocupado a “sintetizar” os apontamentos dos seus manuscritos – numa altura em que não estava na frente⁶ –, é plausível que essa versão embrionária se tenha apoiado quase exclusivamente nos escritos pré-guerra e nos dois primeiros diários conhecidos.

Ora, num inventário testamental elaborado por Hermine Wittgenstein a partir de indicações do seu irmão, datado de Janeiro de 1917 – o mês em que Wittgenstein concluiu o Ms 103 –, deparamos com uma lista textual significativa, a qual permite acompanhar, de uma forma muito completa, o percurso literário wittgensteiniano nessa época.⁷

Os dois primeiros elementos referenciados são facilmente identificáveis: o “livro grande de registos” – que se encontrava “com Trenkler” – só pode ser o denominado “manuscrito norueguês”, infelizmente perdido, mas passível de ser reconstituído nos seus caracteres fundamentais;⁸ e os “2 livros [de tamanho] em quarto” são indubitavelmente os Mss 101-102.⁹ Já o terceiro “livro em quarto” – que Wittgenstein

⁵ Sobre essa conjectura *vd.* von Wright 1982, p. 71, e bem assim Baum 1992, p. 130.

⁶ Desde o final de Agosto de 1915 Wittgenstein estava estacionado em Sokal, a norte de Lemberg, num comboio de reparação de peças de artilharia, onde permaneceu até ao início da Primavera de 1916. Importantes informações concernentes ao serviço militar de Wittgenstein são fornecidas nos seus diários e, sobretudo, na sua correspondência. *Vd.* complementarmente Baum 1992. Os relatos de Max Bieler, publicados em McGuinness 1988, pp. 234-235, são igualmente elucidativos em relação a esse período.

⁷ Cf. a carta de Hermine de 7 de Junho de 1917, contendo essas “disposições” (*Verfügungen*) em anexo (*Gbw* (*Fb*, 17)), as quais foram possivelmente enviadas com uma missiva perdida (a Hermine) do dia 10 de Janeiro desse ano (cf. a carta de Adolf Trenkler de 12 desse mês (*Gbw*) em conjunto com a de Hermine do mesmo dia (*Gbw* (*Fb*, 10))). Relativamente a essa listagem *vd.* McGuinness 2002a e McGuinness/Schulte *in LPA* 1989, pp. XIII-XXVI, tal como McGuinness *in Pt*, pp. viii-xii, para além de Geschkowsky 2001, pp. 27-35.

⁸ “1) Buch groß Kanzlei bei Trenkler”. Fora já a Trenkler, um funcionário do “escritório” (*Kanzlei*) da família Wittgenstein, que tinha sido confiado este manuscrito aquando do alistamento de Wittgenstein: “Gab mein großes Schreibebuch Trenkler zur Aufbewahrung.” (Ms 101, p. 1r (*GTb*, 9.8.14)) Ele terá estado na base quer das chamadas “Notes on Logic” de 1913, das quais dispomos de quatro versões (*sc.* Tss 201a1-3 e b), quer das denominadas “Notes dictated to G. E. Moore in Norway” de 1914 (D 301). Acerca destes textos *vd.* Venturinha 2005.

⁹ “2) 2 Bücher Quart”, igualmente “bei Trenkler”. Uma chaveta reunindo 1) e 2) remete para a seguinte especificação: “Handschriftlich existiert auch maschinen[schriftlich] in Olmütz korrig[iert]”. Wittgenstein frequentou uma escola de oficiais de artilharia em Olmütz de Setembro a Dezembro de 1916, regressando daí para a frente de batalha no início de Janeiro de 1917.

tinha com ele – é bem mais problemático.¹⁰ Na opinião de Brian McGuinness trata-se do Ms 103, o que o leva a rejeitar a hipótese da existência de um diário intermédio¹¹ – hipótese essa da qual ele próprio partilhara.¹² *A contrario sensu*, Andreas Geschkowsky defende que se trata desse caderno intermédio, sustentando que o Ms 103 é o documento seguinte, um “livro em oitavo”, o qual contém “literalmente cada proposição na sua sequência sem qualquer correcção”.¹³

A interpretação de Geschkowsky baseia-se num estudo exaustivo da génese do *Prototractatus*, revelador da indispensabilidade de um diário entre os Mss 102 e 103 – tal como do “manuscrito norueguês” – na composição do Ms 104, tendo existido ainda muito provavelmente um caderno posterior ao Ms 103 que também não chegou aos nossos dias.¹⁴ No entanto, um problema coloca-se desde logo: o da dimensão dos diários. Os Mss 101 e 102, que são “livros em quarto”, medem respectivamente 24,5 × 20,5 cm e 23 × 20 cm. Pode o Ms 103, que mede 22,5 × 15,4 cm, ser considerado um “livro em oitavo”?

¹⁰ “3) 1 Buch Quart”. Aqui abre-se uma segunda chaveta, que reúne 3) e 4), tendo como centro a indicação “nur handschriftlich”, comportando à frente de 3): “(Ein Teil davon existiert schon im maschinengeschriebenen Heft)”.

¹¹ Cf. McGuinness 2002a, pp. 262 e ss., bem como McGuinness/Schulte in *LPA* 1989, pp. XVII e ss. Note-se que na introdução à *LPA* 1989, embora Schulte assumia a posição de McGuinness, o texto a partir do último parágrafo da página XIII (cf. n. 11) corresponde a uma versão alemã do ensaio “Wittgenstein’s Pre-*Tractatus* Manuscripts” publicado por McGuinness nesse ano, o qual foi reelaborado em McGuinness 2002a. Cf. ainda McGuinness in *Pt*, pp. ix e ss.

¹² Cf. McGuinness 1988, p. 234.

¹³ “4) 1 Buch Oktav”. Dentro dessa segunda chaveta encontramos à frente de 4): “wörtlich jeder Satz in der Reihenfolge ohne jede Korrektur”. Cf. Geschkowsky 2001, pp. 20-35, em particular 33-35.

¹⁴ Cf. Geschkowsky 2001, em especial pp. 57-58 e 78-79, assim como os anexos perspicuos das pp. 83-206. Teríamos deste modo, juntamente com o Ms 104, sete manuscritos pré-*Tractatus*, precisamente o número de que Paul Engelmann se recorda numa carta a Friedrich August von Hayek – autor de uma biografia não publicada sobre Wittgenstein - de 23 de Abril de 1953: “Seine Manuskriptbücher waren große, in schwarz und grün gestreiftes Leinen gebundene Geschäftsbücher, wie man sie in Österreich als Hauptbücher verwendete (...) Der *Tractatus* ist der endgültige Extrakt aus 7 solchen Büchern, die er nach dem Ercheinen des Buches vernichtet hat.” (Cit. por von Wright 1982, p. 68) Wittgenstein terá então destruído somente três desses cadernos (e *vd.* von Wright 1982, pp. 67-68). McGuinness (2002a, p. 264, n. 12) põe, obviamente, muitas reservas em relação a esta carta, se bem que não afaste a possibilidade de ter havido “um diário de 1917” (*ibid.*, pp. 267-268).

Em princípio não, mas se o compararmos com os Mss 101 e 102 a resposta poderá ser afirmativa.¹⁵ E o que dizer da descrição de 3) e 4), em relação com a de 1) e 2)? Somos informados que haveria em Olmütz um dactiloscrito “corrigido” realizado com base nos três primeiros manuscritos e numa “parte” do quarto, o qual não subsistiu, estando “apenas em manuscrito” não só a restante parte do terceiro “livro em quarto” como a totalidade do “livro em oitavo”. Isso permitirá então explicar o facto de este último conter “literalmente cada proposição na sua sequência sem qualquer correcção”, ou seja, sem terem sido ainda revistas e seleccionadas as melhores observações para inclusão numa versão resumida. O “manuscrito norueguês”, os Mss 101-102 e “uma parte” do terceiro “livro em quarto” já tinham sido alvo de revisões, mas o Ms 103 estava ainda naquela altura a ser finalizado.¹⁶ Segundo McGuinness, o “livro em oitavo” consistiria num sumário, numa “transcrição feita por forma a facilitar a produção dos dactiloscritos [devendo-se] talvez a sua não sobrevivência ao facto de, não contendo nenhuma das correcções necessárias, [se ter tornado] na realidade erróneo”.¹⁷ Mas como relacionar assim este documento com os restantes elementos aludidos na listagem?

Esta informa-nos que 5) é outro “livro grande de registos”, constituído por uma “revisão de 1) e 2) para publicação” – com toda a certeza o Ms 104, ainda incompleto.¹⁸ Conjuntamente, ficamos a saber que, no caso da morte de Wittgenstein, Russell receberia o dactiloscrito, o terceiro caderno em quarto, o caderno em oitavo e o caderno grande a publicar,¹⁹ enquanto que a David Hume Pinsent – com quem Wittgenstein viajou à Noruega no Verão de 1913²⁰ – caberia o primeiro diário, claramente como lembrança.²¹ Por último, há ainda a indicação

¹⁵ *Vd.* em relação a esta questão Geschkowsky 2001, p. 34.

¹⁶ As últimas entradas deste datam precisamente de 10 de Janeiro de 1917. Geschkowsky (2001, pp. 34-35) considera, por outro lado, que a especificação de 4) também pode ser “wörtlich jeden Satz (...)”, consistindo assim não numa “descrição” mas numa “indicação” para a publicação do diário.

¹⁷ Leia-se: “Item 4, the small (octavo) volume referred to, was probably a transcript made in order to facilitate the production of the typescripts. It cannot be plausibly identified with any known manuscripts and perhaps its not surviving is due to the fact that, containing none of the necessary corrections, it became actually misleading.” (McGuinness 2002a, p. 264)

¹⁸ “5) Buch groß Kanzlei enthält die Umarbeitung von 1) und 2) zur Veröffentlichung”

¹⁹ “Russell erhält 3) 4) und 5) und 1) und 2) in Maschinenschrift (...)”

²⁰ A narração de Pinsent (1990) é muito interessante no tocante à investigação desenvolvida por Wittgenstein nesse período (*vd.*, designadamente, p. 75).

²¹ “Pinsent erhält 1) in Manuskript”

de que um segundo dactiloscrito, que Trenkler guardara, não especificado – mas presumivelmente uma cópia do primeiro realizada com papel químico²² –, deveria ser destruído.²³ Logo, constata-se que o “livro em oitavo” não poderia ser meramente uma síntese preparatória, uma vez que seria enviado a Russell em conjunto com a versão destinada à publicação. Qual a utilidade do envio de dois sumários, quando um já está registado num “livro grande” e preparado para ser publicado? O caso do dactiloscrito é bem diferente, pois reúne 1), 2) e “uma parte” de 3) num suporte que permite uma maior legibilidade, a despeito das limitações técnicas respeitantes à simbologia lógico-matemática e à apresentação diagramática.²⁴ Contudo, parece certo que 5), sendo o texto “para publicação”, “contém a revisão de 1) e 2)” baseada, ao menos parcialmente, nesse dactiloscrito de Olmütz. Conjecturar que o dactiloscrito seria menos completo do que o era o Ms 104 nessa altura não faz sentido, visto que a versão dactilografada não só correspondia a 1) e 2) como a “uma parte” de 3). Simplesmente, parte substancial do terceiro “livro em quarto” e todo o “livro em oitavo” não se encontravam resumidos nem no(s) dactiloscrito(s) nem no segundo “livro grande”, incluindo, portanto, outro material, o qual também era para ser dado a conhecer a Russell.

Nesta medida, não restam dúvidas de que 3) corresponde a esse diário intermédio desaparecido, ao passo que 4) é forçosamente o Ms 103. E se a lista não faz nenhuma referência ao “resumo escrito a lápis em folhas soltas” é porque este terá sido, com toda a probabilidade, utilizado na preparação de um seu sucessor, tornando-se depois supérfluo. Todavia, é indiscutível que o Ms 104 nos fornece uma versão desse texto, *a fortiori* num bloco antecedente ao registo de observações provenientes do Ms 103. É nessa direcção que se desenvolverá a nossa análise.

²² Esta é também a posição de Geschkowsky (2001, pp. 30 e 79).

²³ “Maschinenschrift bei Trenkler zu zerstören”

²⁴ E *vd.* Geschkowsky 2001, pp. 30-31.

2. O primeiro extracto do Ms 103: a proposição 6.341. As proposições 6.3, 6.34 e 7 e o “tratado” de 1916. Crítica à reconstrução do “proto-*Prototractatus*” proposta por McGuinness. O texto das páginas 28-70 do Ms 104 como *Umarbeitung* do dactiloscrito de Olmütz. Rejeição da ideia de Geschkowski segundo a qual essa *Umarbeitung* se prolongará até à página 78 desse manuscrito

Uma das características mais interessantes do Ms 104 é, tal como se frisou, o facto de não incluir observações provenientes do Ms 103 antes da página 75. Aí lemos:

O sentido do mundo tem de estar fora dele. No mundo tudo é como é e tudo acontece como acontece, não existe *nele* nenhum valor – e se existisse então não teria nenhum valor.

Se existe um valor que tenha valor então tem de estar fora de todo o acontecer e ser-assim. Pois todo o acontecer e ser-assim é accidental.

O que o faz não-accidental não pode estar *no* mundo, pois senão isso seria novamente accidental.

Tem de estar fora do mundo.²⁵

²⁵ “Der Sinn der Welt muß außerhalb ihr[er] liegen. In der Welt ist alles[,] wie es ist[,] und geschieht alles[,] wie es geschieht.[:] es gibt *in* ihr keinen Wert - und wenn es ihn gäbe[,] so hätte er keinen Wert. | Wenn es einen Wert gibt[,] der Wert hat, so muß er außerhalb alles Geschehens und So-Seins liegen. Denn alles Geschehen und So-Sein ist zufällig. | Was es nicht-zufällig macht, kann nicht *in* der Welt liegen, denn sonst wäre dies wieder zufällig. | Es muß außerhalb der Welt liegen.” (Ms 104, p. 75 (*Pt*, 6.41)) (*TLP*, 6.41) São indicadas entre parênteses rectos as inserções feitas no *Tractatus* por relação ao texto do Ms 104, enquanto que as supressões serão indicadas entre parênteses angulares. Note-se que no Ms 104 a proposição foi primeiramente numerada 6.31. Cp. Ms 103, pp. 8r-10r (*Tb*, 11.6.16): “Was weiß ich über Gott und den Zweck des Lebens? | Ich weiß daß diese Welt ist. | Daß ich in ihr stehe wie mein Auge in seinem Gesichtsfeld. | Daß etwas an ihr problematisch ist was wir ihren Sinn nennen. | Daß dieser Sinn nicht in ihr liegt sondern außer ihr. | Daß das Leben die Welt ist. | Daß mein Wille die Welt durchdringt. | Daß mein Wille gut oder böse ist. | Daß also ~~mein Wille~~ Gut und Böse mit dem Sinn der Welt irgendwie zusammenhängt. | Den Sinn des Lebens, d. i. den Sinn der Welt, können wir Gott nennen. | Und das Gleichnis von Gott als einem Vater daran knüpfen. | Das Gebet ist der Gedanke an den Sinn des Lebens. | Ich kann die Geschehnisse der Welt nicht nach meinem Willen lenken sondern bin vollkommen machtlos. | Nur so kann ich mich unabhängig von der Welt machen – und sie also doch in gewissem Sinne beherrschen – indem ich auf einen Einfluß auf die Geschehnisse verzichte.”

Mas a consideração precedente encontra-se na página 71. Esta inicia-se com uma proposição, originalmente numerada 6.3 e posteriormente alterada para 6.4, que diz o seguinte:

Todas as proposições têm o mesmo valor.²⁶

Embora a legibilidade seja mínima, é possível ver que Wittgenstein apagou da primeira linha dessa página uma proposição com o número 6.3 - número esse que passaria para a anteriormente citada - que dizia:

A ética não consiste em proposições.²⁷

Já a segunda proposição da página 71 é nada mais nada menos do que a 7:

Acerca do que não podemos falar temos de ficar em silêncio.²⁸

Estas proposições dão-nos o *terminus ante quem* de uma versão originária do *Tractatus*, sem dúvida uma extensão do “tratado” anunciado a Russell na carta de Outubro de 1915, o qual terá sido concluído, o mais tardar, até Março de 1916, altura em que Wittgenstein deixou Sokal, onde dispunha de boas condições para trabalhar, e partiu para a frente de batalha - iniciando nesse mês o Ms 103.

McGuinness sustenta que o bloco textual constituído pelas primeiras setenta e uma (ou setenta) páginas do Ms 104 – ao qual chamou “proto-*Prototractatus*” – corresponde mesmo a essa *Abhandlung*.²⁹ Mas Geschkowsky propõe que a *Abhandlung* em questão seja acompanhada nas primeiras vinte e oito páginas do Ms 104, até à proposição 2.0272, à qual, como foi dito, se segue um traço de divisão.³⁰

²⁶ “Alle Sätze sind gleichwertig.” (*Pt*, 6.4) (*TLP*, 6.4)

²⁷ “Die Ethik besteht nicht aus Sätzen.” Esta leitura não coincide completamente com a de Geschkowsky (2001, p. 70), que sugere: “Die Ethik besteht nicht in Sätzen.”

²⁸ “Wovon man nicht sprechen kann, darüber muß man schweigen.” (*Pt*, 7) (*TLP*, 7) A carta de Hermine de 7 de Junho de 1917 contém, pela mão de Wittgenstein, uma variante dessa proposição final: “Worüber man nicht reden kann, | darüber muß man schweigen.” Assinale-se que um pequeno traço separa a proposição 7 da 6.12112, tal como na página 70 uma marca idêntica estabelece uma divisão entre a proposição 6.11343 e as duas últimas, 6.01 e 6.02. Outros sinais de divisão têm lugar anteriormente no texto, designadamente: pp. 22 (entre 4.102264 e 4.102271), 28 (entre 2.0272 e 4.091), 52 (entre 5.04113 e 5.3062), 60 (entre 3.2521 e 5.30224) e 64 (entre 3.16021 e 6.1).

²⁹ Cf. McGuinness 2002a, pp. 265 e ss., bem como *Pt*, pp. ix e ss., e 2002b, p. 173.

³⁰ Cf. Geschkowsky 2001, pp. 58 e ss.

Ainda que profunda, a exegese de McGuinness envolve várias assunções muito discutíveis, que se juntam às atrás mencionadas. Para começar, McGuinness hesita entre as últimas proposições antes do traço divisório da página 70 e as duas (ou três) primeiras da página 71 para término do “proto-*Prototractatus*”, inclinando-se para a segunda hipótese. Porém, se não tivermos em atenção o texto que se segue à marca divisória da página 71 – *ergo*, não a entendendo como tal –, onde a observação subsequente à 6.12112 foi originariamente numerada 6.2 (passando mais tarde a 6.3), essa interpretação será em qualquer dos casos incompatível com a numeração wittgensteiniana, visto que existe uma lacuna entre o passo 6.1, registado na página 64, e o(s) primeiro(s) 6.3 da página 71. A possibilidade que McGuinness encontrou inicialmente para contornar a dificuldade foi considerar que a proposição 6.13 da página 66 teria sido numerada “primeiro provavelmente 6.2”³¹ – conjectura muito dificilmente defensável quando se examina o Ms 104.³² Por esse motivo, no prefácio à edição de 1996 do *Prototractatus* – a qual inclui, tal como a de 1971, um fac-símile do texto – McGuinness abandona essa perspectiva, referindo-se – o que não tinha feito antes – à observação apagada do topo da página 71, numerada 6.3, mas passando *in integrum* por cima do problema.³³ Todavia, surpreendentemente, deparamos na reelaboração do(s) seu(s) ensaio(s) de 1989 com a indicação de que a proposição apagada teria o número 6.2 – o que não se encontra de maneira alguma no manuscrito, como a transcrição de Eirik Vassenden para a *Bergen Electronic Edition*, revista por Alois Pichler, denota, e que entra em contradição com a sua própria numeração nesse prefácio de 1996.³⁴ Qual a razão

³¹ *LPA* 1989, p. XXI, n. 26.

³² *Vd.* neste sentido Geschkowsky 2001, pp. 71-73. Note-se que o criticismo deste apenas tem por âmbito a introdução à *LPA* 1989, não atendendo aos textos posteriores de McGuinness.

³³ Die ele: “Keen eyes may be able to detect in the facsimile a deleted proposition that originally opened p. 71: 6.3 Die Ethik besteht nicht [aus] Sätzen.” (*Pt*, p. x, n. 3 (parênteses rectos no original))

³⁴ Observe-se: “The many changes in numbering leave several possibilities open, but most probably the original numbering of the former of these propositions as 6.3 [“Alle Sätze sind gleichwertig.”] was due to the presence of a deleted 6.2 which can just be seen at the head of p. 71: it seems to have read: *Die Ethik besteht nicht aus Sätzen (...)*” (McGuinness 2002a, p. 265, n. 15) Esta nota aparece exactamente na mesma posição da 24 da *LPA* 1989, p. XX, onde se pode ler: “Die vielen Änderungen der Numerierung lassen mehrere Möglichkeiten offen, doch es ist wahrscheinlich, daß einige der sichtlich veränderten 6.1-Nummern ursprünglich mit 6.2 begannen, so daß die frühere Numerierung

principal de todas estas incongruências? É que para McGuinness o Ms 104 terá servido como plataforma para a preparação dos dois dactiloscritos que constam da listagem de Hermine – os quais, segundo ele, seriam diferentes, não pondo a hipótese de um ser uma cópia realizada com papel químico.³⁵ Assim, o primeiro dactiloscrito teria sido realizado a partir das primeiras setenta e uma páginas do Ms 104, ao passo que o segundo resultaria das adições que foram feitas nesse manuscrito até à marca divisória da página 78, incluindo esse espaço textual observações decorrentes do Ms 103 – que de acordo com McGuinness é o terceiro “livro em quarto” -, mas não posteriores às de 19 de Setembro, justificando-se desta maneira a parcialidade do material desse caderno no dactiloscrito.³⁶ Contudo, McGuinness não

mit 6.3 für die jetzt in Frage stehenden Sätze berechtigt war.” Num estudo mais recente, McGuinness (2002d, p. 280) tenta justificar o seu procedimento do seguinte modo: “The Bergen transcriber, and indeed I myself at an earlier stage, thought that the first proposition [of p. 71] (which has been rubbed out) must have had the number 6.3, to fit with the 6.4 of the following proposition, but in fact the latter was a *correction* of an original 6.3, occasioned no doubt by the later need to insert a section 6.3ff on natural science.” E continua: “At *that* point the original 6.2 had already been rubbed out, but its numerical place had (after some changes) been occupied by a section on mathematics. (...) Viewed with the eye of faith, which is the only one we have, the number on p.71 reveals itself to be in fact 6.2. This numbering (quite incompatible with the subsequent tranches in the MS) shows, I am convinced, that Wittgenstein, when he assigned it, did not intend to include the later sections on science and mathematics, but alone those on ethics.” A admissão por parte de McGuinness de que “[e]sta numeração” é, ainda assim, “incompatível com as tranches subsequentes no manuscrito” deixa perceber bem, quando conjugada com as suas considerações anteriores, que a alteração numérica que propõe para o parágrafo apagado não se deve a uma desatenção em relação à numeração original do parágrafo seguinte, que salta imediatamente ao olhar, mas sim à necessidade interpretativa que ele tem em que haja um 6.2 – nem que seja “visto com o olho da fé” – antes do traço (supostamente) divisório da página 71.

³⁵ Escreve McGuinness (2002a, p. 263): “(...) Wittgenstein’s philosophical work from June 1915 to March 1916, when MS 103 begins, will have consisted in preparing his treatise – the summary already mentioned of MSS 101 and 102 and the missing Norway notebook, a summary written first on loose sheets and then in a notebook. From either or both of these a typescript was made. It is natural to suppose that Wittgenstein’s item 5 was this notebook and that at any rate the earlier of the two typescripts (presumably that which remained at Vienna with Trenkler) was made from it, probably in September 1916, the date of Wittgenstein’s first home leave.” Em rigor, esta não foi a “primeira licença de Wittgenstein”, como se explicitará mais à frente.

³⁶ McGuinness (*ibid.*, p. 266) apresenta a sua conjectura do seguinte modo: “Clearly it is part of my present surmise that this *Abhandlung* (MS 104, pp. 1-71) was used in the preparation of at least one typescript in September of 1916. It is even probable that at this

nos fornece nenhum exemplo dessas proposições oriundas do Ms 103, sendo na verdade a primeira de 19 de Setembro e a de 11 de Junho anteriormente citada as únicas que podem ser identificadas com clareza como pertencentes a esse diário.³⁷

Ora, não sabemos, de todo, quando é que os dois dactiloscritos foram compostos – nem temos a mínima indicação quanto ao conteúdo daquele que era “para destruir” –, mas, contrariamente ao que defendem McGuinness e Geschkowsky, o mais provável é que não tenham sido preparados em Viena em Setembro de 1916, aquando da licença que Wittgenstein desfrutou antes da sua partida para Olmütz – sendo que nada impede que o segundo dactiloscrito fosse inteiramente diferente do primeiro. Efectivamente, a correspondência wittgensteiniana permite ver que essa licença foi bastante curta, limitando-se aos primeiros dias desse mês,³⁸ de tal modo que parece muito mais plausível que a preparação do(s) dactiloscrito(s) tenha acontecido só em Olmütz. Esta hipótese é suportada adicionalmente por uma carta de Pinsent, escrita a 31 de Dezembro de 1916, na qual agradece uma que Wittgenstein lhe enviou a 18 de Novembro passado, expressando o seu contentamento pelo facto de este ter “finalizado [o seu] trabalho”.³⁹ É pois

point Wittgenstein included in the typescript the propositions of pp. 71-8 (which contain five or so quotations from MS 103, but none from entries later than 19 September) – though conceivably these were only inserted in a second, slightly later typescript.” É na página 78 que aparece o primeiro traço a seguir ao da página 71, separando a penúltima proposição, 1.21, da última, 4.43012. Nenhum outro nos surge até ao princípio das correcções na página 103.

³⁷ Cf. Ms 103, p. 53r (*Tb*, 19.9.16[1]): “Die Menschheit hat immer nach einer Wissenschaft gesucht in welcher simplex sigillum veri ist.” Cp. Ms 104, p. 76 (*Pt*, 5.30225) (*TLP*, 5.4541[2-3]): “Die Menschen haben immer geahnt, daß es ein Gebiet von Fragen geben müsse, worin die [müsse, deren] Antworten – a priori – symmetrisch, und zu einem abgeschlossenen, regelmäßigen Gebilde vereint-liegen. | Ein Gebiet in dem der Satz gilt: simplex sigillum veri.” Cp. ainda Ms 102, p. 67r (*Tb*, 5.3.15[1]). E McGuinness (2002a, p. 266) refere erradamente: “(...) it must be significant that no passages drawn from the 1916-1917 notebook occur before p. 76 in the ‘Prototractatus’ (...)”

³⁸ Tanto McGuinness (2002a, p. 267) como Geschkowsky (2001, p. 31), e bem assim Monk (1990, p. 147), consideram que Wittgenstein terá passado quase todo o mês de Setembro de 1916 em Viena, mas isso é desmentido por uma carta de Leopoldine Wittgenstein datada de 13 desse mês (*Gbw*), e, igualmente, por uma de Walter Groß do dia seguinte (*Gbw*), ambas dirigidas já para Olmütz. Isto significa que, *pace* McGuinness, o passo de 19 de Setembro terá sido registado já em Olmütz.

³⁹ “Herzlichsten Dank für Deinen Brief datiert vom 18. November, welchen ich eben jetzt erhalten habe (...) | Ich bin ganz glücklich, daß Du Dein Werk vollendet hast und sicherlich wird es nicht umsonst sein.” (*Gbw* (Pinsent/Pinsent 1992, 11))

verosímil que Wittgenstein tenha “concluído” então a elaboração do(s) dactiloscrito(s) ou, porventura já, a correcção de que somos informados nas suas *Verfügungen*, com certeza relacionada com o acrescento à mão dos símbolos lógico-matemáticos e dos diagramas. Mas também temos conhecimento de que uma *Umarbeitung* foi levada a cabo no Ms 104 – possivelmente durante a licença que Wittgenstein desfrutou em Viena por altura do Natal de 1916, a qual se estendeu até aos primeiros dias de Janeiro.⁴⁰ Terá sido nessa ocasião que foram deixados com Trenkler o “manuscrito norueguês” e os Mss 101-102, bem como um dos dactiloscritos, tendo Wittgenstein levado consigo para Olmütz os restantes documentos referidos na lista. A sua transferência para a frente de batalha levou-o possivelmente a deixar por segurança esse dactiloscrito “corrigido” em Olmütz e a enviar essas “disposições” a Hermine, indicando aí que o dactiloscrito de Viena deveria ser destruído – o qual poderia ser, portanto, idêntico ao outro, embora não contivesse as correcções simbólicas e diagramáticas, bem como, talvez, correcções que podem ter sido incluídas no Ms 104, tornando-se assim erróneo. E Wittgenstein indica ainda que, no caso da sua morte, o dactiloscrito “corrigido” deveria ser enviado a Russell juntamente com o terceiro “livro em quarto”, com o “livro em oitavo” e com o Ms 104 – o texto que afirma ser “para publicação”. Estariam então em causa apenas razões de ordem técnica no que concerne à dactilografia dos símbolos lógico-matemáticos e dos diagramas, de tal maneira que só o manuscrito poderia fornecer uma versão totalmente correcta? A verdade é que Wittgenstein não abandonou o Ms 104, continuando a trabalhar nele em 1917-1918, resumindo aí mais material, corrigindo subsequentemente todo o texto e, por fim, acrescentando-lhe um prefácio - no qual agradece ao tio Paul Wittgenstein, sendo que a *Abhandlung* foi em larga medida finalizada justamente na casa deste em Hallein, Salzburgo, no Verão de 1918.⁴¹ Logo, parece

⁴⁰ Cf., entre outras, as cartas a Engelmann de 25 de Dezembro de 1916 e 4 de Janeiro de 1917 (*Gbw* (BPE, 1-2)). É assinalável que existe uma lacuna de apontamentos no Ms 103 entre os dias 2 de Dezembro e 7 de Janeiro.

⁴¹ A respeito dessa estada cf. um postal a Engelmann de 14 de Julho de 1918 (*Gbw* (BPE, 15)), tal como McGuinness 1988, p. 264, e Monk 1990, pp. 154-155. Foi por esta altura que Wittgenstein recebeu uma carta de Ellen Pinsent, escrita no dia 6 desse mês, a comunicar a morte do seu filho (*Gbw* (Pinsent/Pinsent 1992, 12)), tendo decidido dedicar o livro a David, respondendo àquela numa missiva que não está datada: “(...) I have just finished the philosophic work on which I was already at work at Cambridge. (...) I will dedicate it to David’s memory.” (*Gbw* (LP, p. 109)). As palavras “Dem Andenken meines Freundes | David H. Pinsent | gewidmet” foram então acrescentadas na página vi do Ms

certo que o Ms 104 constituiria já em Janeiro de 1917 uma versão posterior à do dactiloscrito de Olmütz (e atente-se à cronologia da lista), conquanto que a sequência numericamente desordenada das observações, especialmente até ao traço da página 28, sugira que esse material não decorre de um dactiloscrito, o qual certamente obedecia a uma organização numérica – como aquela que permite construir o *Prototractatus*.⁴² Por conseguinte, é de supor que uma parte do Ms 104 tenha servido de base ao dactiloscrito de Olmütz, podendo este ter sido ditado a seguir directamente a partir dos diários ou de um

104, tendo sido a obra concluída em Agosto de 1918, como é anunciado numa carta a Russell de 13 de Março de 1919 (*Gbw (CL, 61)*) – referindo-se aí Wittgenstein, com certeza, à versão dactilografada que constitui os Tss 202 e 204, sendo o primeiro uma cópia do segundo. Para um rigoroso esclarecimento histórico-filológico dos dactiloscritos subsistentes da *Abhandlung* (202, 203 e 204) e do processo de publicação desta *vd. Graßhoff/Lampert in LPA 2004*, pp. 1-112, corrigindo este estudo muitos aspectos das investigações inaugurais de von Wright (1982, pp. 75 e ss.).

⁴² Acrescente-se a este facto a seguinte consideração de Wittgenstein, anotada na folha de guarda do Ms 104 (p. iii) – a qual é substancialmente diferente da nota que aparece no início do *Tractatus*: “Zwischen diese Sätze werden alle guten Sätze meiner anderen Manuskripte gefügt. Die Nummern zeigen die Reihenfolge und die Wichtigkeit der Sätze an. So folgt 5.04101 auf 5.041 und auf jenen 5.0411 welcher Satz gewichtiger ist als 5.04101.” As proposições mencionadas figuram nas páginas 12 e 16, o que significará que pelo menos “no meio destas proposições [terão sido acrescentadas] todas as boas proposições dos [seus] manuscritos”; quer dizer, ao que já estava escrito, pelo menos até à página 16, Wittgenstein pretendia juntar mais texto e assim aconteceu. Dado que não se encontra nenhum tipo de marcação divisória nestas páginas, estas proposições deverão ser meros exemplos, em função da sua extensão, projectando-se o traço da página 28 como a primeira possibilidade para essa redacção inicial do Ms 104. Sobre este ponto *vd. também* von Wright 1982, p. 66. Bazzocchi (2005) acentua a importância dessas primeiras vinte e oito páginas, considerando que a partir da altura em que somos informados da existência das “folhas soltas”, em Outubro de 1915, a *Abhandlung* terá sido desenvolvida de uma forma “hipertextual”. Segundo ele (*ibid.*, p. 25), as proposições mencionadas por Wittgenstein nessa nota seriam então ilustrativas do próprio método de composição da obra, ainda que, adianta, a correcção feita no *Tractatus* “[distorça] a passagem inteira”. Leia-se: “Insbesondere folgt die Wahrheit eines Satzes p [‘p’] aus der Wahrheit eines anderen q [‘q’.] wenn alle Wahrheitsgründe des ersten [zweiten] Wahrheitsgründe des zweiten [ersten] sind.” (Ms 104, p. 12 (*Pt, 5.041*)) (*TLP, 5.12*); “(Wir sagen auch) die [Die] Wahrheitsgründe des einen sind in denen des anderen enthalten[,] und p folge [folgt] aus q.” (Ms 104, p. 12 (*Pt, 5.04101*)) (*TLP, 5.121*); “Daß ein Satz aus einem anderen folgt [Daß die Wahrheit eines Satzes aus der Wahrheit anderer Sätze folgt], ersehen wir aus der Struktur der Sätze.” (Ms 104, p. 16 (*Pt, 5.0411*)) (*TLP, 5.13*) Sendo esta uma sugestiva hipótese, Bazzocchi não explica no entanto o porquê de Wittgenstein ter voltado a utilizar o Ms 104.

suporte em folhas soltas. Deste modo, o Ms 104 seria, num certo espaço, uma *Umarbeitung* do dactiloscrito. Na realidade, a lista não noticia que o Ms 104 está contido no(s) dactiloscrito(s); ela refere que 5) é uma “revisão de 1) e 2)”, mas com 1) e 2) Wittgenstein também aponta para o dactiloscrito de Olmütz (“Russell recebe [...] 1) e 2) em dactiloscrito”). Atendendo então às fontes que subsistem, aquilo que cumpre saber é: que parte do Ms 104 estaria pronta a ser publicada em Janeiro de 1917?

Esta é pois a altura para discutirmos a referida hesitação de McGuinness no que toca ao termo do “proto-*Prototractatus*”. Diz ele que as duas (ou três) primeiras proposições da página 71 “completam o esquema das proposições escritas na página 3”,⁴³ embora reconheça que possam ter sido acrescentadas no momento da preparação do (primeiro) dactiloscrito – o que corresponderia a uma conclusão bem diferente dessa *Abhandlung*.⁴⁴ Simplesmente, a hesitação de McGuinness tem como fundo a referida alternativa para a proposição 7 anotada por Wittgenstein na carta de Hermine de 7 de Junho de 1917.⁴⁵ Ora, independentemente de quando é que a proposição 7 e a(s) duas) precedente(s) possam ter sido registadas, é notório que uma determinada versão da *Abhandlung* presente no Ms 104 equivale apenas às primeiras setenta páginas, sendo a pedra de toque algo a que McGuinness não faz

⁴³ McGuinness 2002a, p. 265. A página 3 do Ms 104 constitui uma espécie de índice, contendo os parágrafos e subparágrafos mais importantes.

⁴⁴ Lemos: “It is even possible that these remarks were an afterthought inserted when the typescript was prepared (*ex hypothesi* in August-September 1916) (...)” (McGuinness 2002b, p. 173) (Mas cp. McGuinness 2002a, p. 263, n. 9: “A citation preserved in the *Kriegsarchiv* has Wittgenstein ‘in the field’ until 2 September.”) E conclui McGuinness (2002b, p. 173): “In that case the proto-*Prototractatus* would have ended with remarks to the effect that the propositions of logic say nothing.”. Cp. McGuinness *in Pt*, p. x, n. 3: “In that case the proto-*Prototractatus* would have ended with the remarks about logic on p. 70 (...)” E McGuinness (2002a, p. 266) menciona ainda: “There seems to have been a stage in the composition of this early *Abhandlung*, indicated by the line towards the foot of p. 70, when it ended with one of the propositions from the context of 6.13 Die Logik ist keine Lehre sondern ein Spiegelbild der Welt.”

⁴⁵ Na nota que se segue à última frase citada pode ler-se: “I mention the possibility of the original *Abhandlung*’s ending here because of the slightly odd fact about proposition 7 (...)” (2002a, p. 266, n. 17) Adianta no entanto McGuinness (*ibid.*, p. 268): “It is hard to think that Wittgenstein reached p. 71 in MS 104 as late as this, so I am inclined to explain the jotting as a tentative rewording of a crucial proposition, seeking on the one hand more obvious symmetry (*worüber/darüber*) and on the other more contrast (*reden* more opposed to *schweigen* than *sprechen* is).” Este é um elemento ao qual Geschkowsky não alude.

referência, a saber: o facto de o índice da página 3 conter somente seis parágrafos (e os seus subparágrafos mais relevantes). Por consequência, tendo em conta a marca divisória da página 70, as duas (ou três) primeiras proposições da página 71 não pertencem a esse “proto-*Prototractatus*” – aspecto que faz toda a diferença no que diz respeito ao estilo literário wittgensteiniano⁴⁶ -, constituindo a proposição 6.01 o *terminus a quo* de uma nova fase na composição do Ms 104. McGuinness vê na variante registada nessa carta de Junho de 1917 um problema porque identifica o terceiro “livro em quarto” com o Ms 103 e, segundo, porque julga que os dactiloscritos derivam *in integrum* do Ms 104. Se assim fosse, este último teria necessariamente de incluir o bloco das páginas 71-78 o mais tardar até Setembro de 1916, uma vez que o dactiloscrito de Olmütz continha já “uma parte” do terceiro “livro em quarto”. Mas, a juntar a todas as outras evidências elencadas, seria essa “parte” meramente constituída por “mais ou menos cinco” extractos – que são, *in fine*, apenas dois?⁴⁷ Consideremos agora o terceiro “livro em quarto” como o diário intermédio desaparecido e o “livro em oitavo” como o Ms 103, admitindo concomitantemente que o Ms 104 é, a partir de determinada parte, uma versão reelaborada a partir do dactiloscrito. Desta maneira, poderemos considerar que o material posterior ao do traço da página 70 foi incluído ulteriormente, apresentando-se o mês de Junho de 1917 como uma forte possibilidade, pois foi a altura em que Wittgenstein esteve pela primeira vez de licença após o seu regresso à frente em Janeiro desse ano.⁴⁸

Corresponderão por conseguinte essas primeiras setenta páginas do Ms 104 à *Abhandlung* de Outubro de 1915? Tal como enunciado, Geschkowsky sustenta que não, defendendo que esse texto equivale ao conjunto que antecede a marca divisória da página 28. A sua interpretação baseia-se não só nesse traço, mas também na “organização divergente” dessa parte do Ms 104 e nos “sinais marginais” que surgem até aí.⁴⁹ Com efeito, esse bloco integra as extensões principais

⁴⁶ E *vd.* McGuinness 2002b, pp. 173-174, nn. 43 e 45, e bem assim 2002c, pp. 33-34.

⁴⁷ *Vd.* paralelamente Geschkowsky 2001, p. 57.

⁴⁸ Numa carta de Frege, de 30 de Junho de 1917, encontramos: “Erst gestern habe ich Ihren Brief vom 15. VI erhalten und nun ist schon die Hälfte Ihrer Urlaubszeit verfllossen. Sehr schwer wird es mir, Ihrer liebenswürdigen Einladung nicht zu folgen, aber noch schwerer ihr zu folgen. Ich fühle mich angegriffen und bin hier zu meiner Erholung, die ich nötig habe. Die Reise nach Wien und wieder zurück ist mir unter diesen Umständen zu angreifend.” (*Gbw* (Frege 1989, 11))

⁴⁹ Cf. Geschkowsky 2001, p. 59.

das proposições 1-5, encontrando-se um “✓” a seguir a quase todos os números – o que não acontece no resto do Ms 104. É pois bem possível que Wittgenstein tenha estabelecido esse núcleo temático com base no “resumo escrito a lápis em folhas soltas” durante a sua permanência em Sokal, sendo relevante que a esmagadora maioria das fontes dessas observações não são identificáveis nos manuscritos de que dispomos.⁵⁰ Porém, as marcações justapostas aos números poderão ter que ver com a produção do(s) dactiloscrito(s), ainda que seja pouco crível que Wittgenstein tivesse ditado somente vinte e oito páginas ou que não fizesse uso do mesmo critério selectivo até ao final. Mas como justificar a ausência nesse espaço textual de ramificações da proposição 6, a qual surge na página 3 do Ms 104? Terá sido essa redigida posteriormente? A sustentabilidade da posição de Geschkowsky depende de uma resposta afirmativa a tal questão, se bem que ela vem contradizer a sua restante hipótese interpretativa. Esta assenta na presunção de que o texto do Ms 104 situado entre as divisões das páginas 28 e 78 constitui uma “revisão” da versão dactilografada, fundamentando-se no facto de não haver quaisquer marcações nas observações correspondentes dos diários, ao contrário daquilo que acontece daí em diante.⁵¹ Todavia, em primeiro lugar, a proposição 7 não figura no índice da página 3; e, em segundo lugar, se Wittgenstein refere que o dactiloscrito de Olmütz apenas inclui “uma parte” do terceiro “livro em quarto”, deixando de fora todo o “livro em oitavo”, o qual Geschkowsky acredita ser o Ms 103, então não se compreende como

⁵⁰ E *vd. id., ibid.*, pp. 76-77, n. 1.

⁵¹ Cf. *id., ibid.*, pp. 72-73 e 76-78. Tomando em consideração uma sequência de fontes que pode ser identificada no D 301, Geschkowsky (*ibid.*, p. 72, n. 43) não afasta a possibilidade de “antes de Setembro de 1916” Wittgenstein ter continuado a trabalhar no Ms 104 apoiado no “manuscrito norueguês”, correspondendo esse texto ao que se segue à marca divisória da página 28 e que vai, no máximo, até à segunda proposição da página 34. Geschkowsky lembra no entanto que o diário em causa tinha sido entregue a Trenkler em Agosto de 1914, parecendo-lhe “duvidoso” que Wittgenstein possa ter tido à sua disposição esse manuscrito “no Outono de 1915”. Contudo, Wittgenstein esteve anteriormente em Viena, tanto quanto sabemos em duas ocasiões, a saber: nos primeiros dias de Janeiro de 1915, acompanhando inesperadamente um superior (cf. Ms 102, pp. 48r-50r(c) (*GTb*, 2, 3, 6, 10.1.15)); e durante três semanas no final de Julho/princípio de Agosto desse ano, na sequência de um acidente sofrido em Cracóvia (cf. uma carta a Ludwig von Ficker datada de 24 de Julho (*Gbw* (*BLF*, 18)), bem como uma de Adele Jolles de 12 de Agosto (*Gbw* (Jolles/Jolles 1992, 21)) e um postal de Clara Wittgenstein, de 15 desse mês (*Gbw*)), numa fábrica de reparação de veículos e peças de artilharia onde prestava serviço desde 9 de Dezembro de 1914 (cf. Ms 102, pp. 41v-43v(c) (*GTb*, 10.12.14)).

é que consta das páginas 75 e 76 do Ms 104 material proveniente desse último caderno. Logo, a falta de indicações selectivas nas posições subsistentes que originaram as que ocorrem entre os traços das páginas 70 e 78 do Ms 104 poderão significar simplesmente uma outra fase de trabalho, realizada presumivelmente em Junho de 1917.

Em conclusão, o quadro exegético de Geschkowski poderá estar correcto no que concerne à determinação da primeira *Abhandlung*, mas o mais importante é que em Janeiro de 1917 Wittgenstein teria pronta “para publicação” uma extensão desse texto, a qual se encontrará disposta até ao traço da página 70 do Ms 104. Esse “proto-*Prototractatus*”, para empregar a designação de McGuinness, é bem diferente do *Prototractatus* e, conseqüentemente, do *Tractatus*, traduzindo um momento fundador da filosofia wittgensteiniana.

3. Os registos codificados de 6 e 7 de Julho de 1916 do Ms 103. Discussão da saliência dada por McGuinness ao envolvimento de Wittgenstein com o círculo de Olmütz. Reconsideração, a partir dos relatos de Engelmann, da tese geral de McGuinness

Tal como foi dito anteriormente, Wittgenstein chegou a Olmütz no mês de Setembro de 1916 para se formar como oficial na escola prática de artilharia local. Terá sido nessa época que preparou a primeira versão dactilografada da *Abhandlung*, cuja cópia principal seria muito provavelmente aquela que na lista de Hermine, elaborada em Janeiro de 1917, se encontrava “corrigida” e “em Olmütz”. Os motivos que levaram Wittgenstein a deixar aí esse dactiloscrito, relativamente ao qual não temos qualquer outra informação, não poderão ser dissociados do facto de já naquela altura o Ms 104, que mantinha com ele, aparecer como a versão “para publicação”. Esta corresponderia então, como se procurou mostrar, às primeiras setenta páginas desse manuscrito, ou seja, a uma investigação estritamente lógica. Wittgenstein consideraria, pois, esse seu trabalho finalizado, não tendo incluído nele nenhum material proveniente do diário que iniciou no final de Março de 1916 e no qual continuou a escrever até 10 de Janeiro de 1917, o Ms 103. Todavia, algum tempo mais tarde Wittgenstein incorporou na sua *Abhandlung* inúmeras observações provenientes desse caderno, curiosamente após ter concluído que “[a]cerca do que não podemos falar temos de ficar em silêncio”. Logo, alguma mudança houve no pensamento wittgensteiniano que proporcionou essa *transgressão*, designadamente naquilo que concerne ao entendimento do estatuto da comunicação filosófica. A preocupação wittgensteiniana

pela expressão do indizível lógico resultara já na distinção crucial entre *dizer* e *mostrar*, mas o discurso sobre a essência mesma da vida teria de comportar uma outra adequabilidade fenoménica. Isto salta à vista em duas entradas codificadas de 6 e 7 de Julho de 1916, nada mais nada menos do que aquelas que no conjunto cifrado, as páginas verso dos diários, se seguem à introdução nas páginas frente da tematização ética. Anota aí Wittgenstein:

Tenho meditado muito sobre todos os assuntos possíveis, mas, estranhamente, não sou capaz de estabelecer a conexão com as minhas linhas matemáticas de pensamento.⁵²

Mas a conexão será estabelecida!

O que não se deixa dizer não se *deixa* dizer!⁵³

Ora, segundo McGuinness, os meses que Wittgenstein passou em Olmütz terão contribuído decisivamente para esse estabelecimento metodológico, sendo a chave dessa cimentação o envolvimento com Engelmann e o círculo cultural deste, do qual faziam parte intelectuais como Fritz Zweig, Max Zweig ou Heinrich Groag.⁵⁴

Não cabe aqui aprofundar esse envolvimento mas alguns pontos da posição de McGuinness merecem uma focagem atenta. Apoiando-se nos testemunhos de Engelmann, ele põe em relevo que Wittgenstein “levou os outros a ver [...] que a esfera da religião era realmente inexprimível”, na medida em que “essa é a sua verdadeira essência”, correspondendo exactamente “o que não pode ser expresso” ao “místico”.⁵⁵ Este, observa bem McGuinness, “tem sido caracterizado como teologia negativa, como o impulso do homem para correr contra os limites da linguagem e de muitas outras formas”, constituindo “um certo modo de expressar aquilo que pode ser expresso tomando em conta o que não pode”.⁵⁶ Simplesmente, a descrição que Engelmann faz da influência wittgensteiniana nesse domínio baseia-se, exclu-

⁵² “Habe viel über alles mögliche nachgedacht kann aber merkwürdigerweise nicht die Verbindung mit meinen mathematischen Gedankengängen herstellen.” (Ms 103, pp. 15r-16r(c)) (*GTb*, 6.7.16)

⁵³ “Aber die Verbindung wird hergestellt werden! | Was sich nicht sagen läßt, läßt sich nicht sagen!” (Ms 103, p. 16r(c)) (*GTb*, 7.7.16)

⁵⁴ Cf. McGuinness 2002c, pp. 31-34. Esse círculo é descrito em Engelmann 1970, particularmente, pp. 44-46.

⁵⁵ McGuinness 2002c, pp. 33-34.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 34.

sivamente, em conversações privadas e, fundamentalmente, em documentos epistolares, cujas datas são, obviamente, posteriores a essa estada em Olmütz.⁵⁷ Este aspecto tem todo o interesse dado que, embora não possamos nem devamos excluir que a questão em causa tenha sido debatida com outros membros do círculo e durante os meses de Setembro a Dezembro de 1916,⁵⁸ permite ver que, em oposição àquilo que é defendido por McGuinness, o problema *literário* da expressibilidade do indizível ético e religioso só se terá colocado a Wittgenstein depois da sua partida de Olmütz. Escreve McGuinness que “foi [naqueles] meses que ele acrescentou ao seu tratado duas séries de observações, sobre a natureza da ciência e sobre a inexpressibilidade da ética”.⁵⁹ Mas, se tivermos em atenção a(s) tese(s) de McGuinness analisada(s) anteriormente, verificamos que esta posição, publicada originalmente em 1999, vem contradizer a sua argumentação inicial. De facto, havíamos visto que McGuinness considerava que, embora diferentes, os dactiloscritos referidos na lista de Hermine teriam sido ambos produzidos em Viena em Setembro de 1916, consistindo o primeiro, que teria ficado desde logo aí com Trenkler, num resumo das primeiras setenta páginas do Ms 104, enquanto que o segundo, que Wittgenstein levava para Olmütz, incluiria as observações registadas entre as páginas 71 e 78 daquele documento.⁶⁰ Procurou-se mostrar que esta conjectura implicava que o terceiro “livro em quarto” da listagem fosse identificado com o Ms 103, visto que só assim se justificaria a presença parcial desse item no dactiloscrito de Olmütz. Porém, aquilo que McGuinness defende agora é que Wittgenstein terá levado para Olmütz um dactiloscrito somente baseado nessas primeiras setenta páginas, adicionando-lhe aí “em manuscrito” esse segundo bloco proposicional, depois de este já ter sido aí por sua vez adicionado ao Ms 104.⁶¹

⁵⁷ Cf. Engelmann 1970, pp. 55-59 e, acima de tudo, 62-66.

⁵⁸ Que Wittgenstein causou uma forte impressão no grupo é algo que se torna claro por uma carta de Max Zweig de 27 de Dezembro de 1916 (*Gbw*), à qual McGuinness (2002c, p. 31) alude, sendo a amizade iniciada a partir daí também com Fritz Zweig e Groag outra evidência. Mas isso não nos diz nada em concreto sobre o teor das suas discussões em Olmütz.

⁵⁹ McGuinness 2002c, p. 34. E continua: “These are to be found on pp. 71-8 of the *Prototractatus* manuscript but he continued to make considerable additions in the early months of 1917, shortly after his departure from Olmütz. These additions reflect the nature of his interaction with his friends there, Engelmann in particular.”

⁶⁰ Cf. complementarmente McGuinness 2002a, pp. 263-264, e *Pt*, p. x, n. 5.

⁶¹ Leia-se: “Wittgenstein probably brought a typescript based on [the first 70 pages of MS 104] to Olmütz and may there have added in manuscript the passages from pp. 71-8 (...)” (McGuinness 2002c, p. 33, n. 15)

Estará aqui McGuinness a tentar corrigir a sua conjectura fundamental desses textos anteriores que, como se tornou evidente, envolvia diversas contradições? Aparentemente não, uma vez que, ao assumir que o segundo dactiloscrito pode ter sido alvo desse acrescento “em manuscrito”, ele mantém a ideia de que é o traço (divisório) da página 78 que estabelece o *terminus ante quem* do trabalho filosófico wittgensteiniano presente nessa versão dactilografada – algo que só é inevitável neste panorama se essa divisão for entendida como tal. Vimos que, contrariamente à exegese inicial de McGuinness, o apontamento de 19 de Setembro do Ms 103 que poderá ter sido a fonte do parágrafo 5.30225 da página 76 do Ms 104 não foi redigido em Viena mas já em Olmütz, o que evidentemente afasta a hipótese de um dactiloscrito preparado em Viena nesse mês poder conter esse material. Mas vimos igualmente que, identificando o terceiro “livro em quarto” com o diário intermédio desaparecido e o “livro em oitavo” com o Ms 103, e bem assim perspectivando o Ms 104 como sendo a partir de determinada parte uma *Umarbeitung* do dactiloscrito de Olmütz, não há nenhuma razão para admitir que o conjunto temático das páginas 71-78 do Ms 104 não tenha sido sim incluído posteriormente a Janeiro de 1917.⁶²

⁶² Mais recentemente ainda, McGuinness (2002d, pp. 273-274) parece tentar distanciar-se desse quadro interpretativo quando coloca a hipótese de o dactiloscrito de Viena poder ser “a versão de Setembro sem as correcções feitas ou em Olmütz, de Setembro a Dezembro de 1916, ou subsequentemente”. Mas mais à frente (p. 280) refere: “The [tranche on pp. 71-78] contains material probably also inserted in manuscript in the 1916 typescript, thus producing by the end of the year 1916 a typescript-with-corrections which meant that the uncorrected copy might be thrown away.” Continua ele: “For the first time some of the comments come from the 1916-17 Notebook (MS 103) and indeed precisely from the period when I think Wittgenstein was working on these additions (e.g. 12.10.16, when the notion that I am my world and that of the microcosm are introduced, but also 19.9.16 and 28.11.16).” E lemos depois (pp. 280-281): “[The tranche on pp. 79-102] draws heavily on the 1916-17 Notebook MS 103 and if it was indeed to be the basis of a late 1917 version (as I suppose) that will account for Wittgenstein’s saying (*before* he had written these additions into the manuscript) that the *typescript* (*ex hypothesi* the September 1916 typescript with corrections, but it could also have been a new typescript incorporating them) did not contain everything (meaning everything that was useful) from that Notebook.” Sendo esta referência de McGuinness indubitavelmente à lista de Hermine, percebe-se bem que a sua abordagem permanece pois refém da identificação do terceiro “livro em quarto” daquela com o Ms 103 e, logo, da inevitabilidade do bloco textual das páginas 71-78 ser anterior a Janeiro de 1917 – isto mesmo se, dos exemplos dados, apenas e só o já referido passo de 19 de Setembro pode ser tomado em consideração, visto que o de 12 de Outubro em causa aparece somente na página 85 e o de 28 de Novembro pura e simplesmente não aparece nesse manuscrito.

E, em oposição àquilo que McGuinness defende, é o próprio Engelmann que corrobora esta hipótese interpretativa. Afirma ele que “[n]a altura da finalização do *Tractatus* e possivelmente ainda antes da formulação conclusiva das suas intuições místicas” Wittgenstein escreveu-lhe uma carta, no dia 9 de Abril de 1917, após ter recebido dele “um poema de Uhland, o qual ‘é tão claro que ninguém o entende’ (Karl Kraus)”,⁶³ declarando aí:

O poema de Uhland é realmente magnífico. E isto é assim: se não nos esforçarmos para expressar o inexprimível então *nada* se perde. Mas o inexprimível está – inexprimivelmente – *contido* naquilo que é expresso!⁶⁴

Depois de citar esta passagem, Engelmann salienta que “[o] [...] resultado ‘positivo’ de Wittgenstein é o apontar para *aquilo que se mostra numa proposição*”, na medida em que “aquilo que se mostra nela a proposição não pode por conseguinte expressar directamente”, concluindo que “[a]s frases da poesia, por exemplo, produzem o seu efeito não através daquilo que dizem mas, tal como a música, a qual também não diz nada, através daquilo que está manifesto nelas”.⁶⁵ Se atentarmos então à datação de Engelmann e ao facto de que é na página 75 do Ms 104 que Wittgenstein, após ter sublinhado que “não pode haver proposições da ética”, dado que as “[p]roposições não

⁶³ Engelmann 1970, p. 62. Cp. a caracterização que Wittgenstein faz da sua obra numa carta a Russell de 13 de Março de 1919: ‘I’ve written a book called ‘Logisch-Philosophische Abhandlung’ containing all my work of the last 6 years. (...) nobody will understand it; although I believe, it’s all as clear as crystal.’ (*Gbw* (CL, 61))

⁶⁴ “Das Uhlandsche Gedicht ist wirklich großartig. Und es ist so: Wenn man sich nicht bemüht das Unaussprechliche auszusprechen, so geht *nichts* verloren. Sondern das Unaussprechliche ist, - unaussprechlich – in dem Ausgesprochenen *enthalten!*” (*Gbw* (BPE, 6))

⁶⁵ Engelmann 1970, p. 63. Após citar integralmente esse poema de Ludwig Uhland, “Graf Eberhards Weißdorn”, Engelmann (*ibid.*, p. 64) refere: “Mit diesem Uhlandschen Gedicht ist es mir so gegangen: | Es war mir, als einem Kraus-Leser, an diesem Gedicht zum ersten Mal mit ganzer Klarheit aufgegangen, daß es eine echte große dichterische Wirkung auch *jenseits* der unmittelbaren Sprachwirkung gebe (allerdings niemals ohne diese) (...)” E continua (*ibid.*): “Wittgensteins Brief hat mir zu meiner großen Freude gezeigt, daß er meinen Eindruck teile. Er hat die Sache natürlich viel tiefer erfaßt als ich, und ich messe der Formulierung, in der er seinen Eindruck wiedergibt, große Bedeutung bei. Denn seine Erkenntnis von dem, was ein Satz nicht aussprechen kann, weil es sich an ihm zeigt, die ich ja für den Kern des *Tractatus* halte, obwohl sie in diesem Buch nur ausgedeutet ist, scheint mir in diesem Brief einen bleibenden Ausdruck gefunden zu haben.”

podem expressar aquilo que é mais elevado”,⁶⁶ enuncia que “[e]xiste com efeito o que não pode ser posto em palavras”, pois “[i]sso *mos-tra-se*, é o místico”,⁶⁷ não parecem restar dúvidas de que os enunciados das “intuições místicas” do *Tractatus*, os quais encontram no espaço textual das páginas 71-78 desse documento a sua elaboração principal, terão sido registados aí seguidamente a Janeiro de 1917. Isto não quer dizer que a atmosfera artística do círculo de Olmütz e a convivência com os seus membros não tenha ajudado Wittgenstein a articular aquela “conexão” entre os seus apuramentos éticos e o finitismo expressivo do seu pensamento matemático, mas sim que por aquela altura a recusa wittgensteiniana dessa “exaltação” ou “paixão” (*Schwärmerei*) à qual McGuinness alude⁶⁸ seria no plano da sua *actividade como autor* quase absoluta. Que isto é assim prova-o terminantemente a não inclusão por parte de Wittgenstein antes das páginas 85 e 86 do Ms 104 dos dois únicos assentamentos de Olmütz onde reflecte sobre “[o] método correcto da filosofia” enquanto *comunicação indirecta*. Mas esse é um tópico que excede o âmbito deste texto.

Referências Bibliográficas

Textos de Wittgenstein:

- BEE** 2000 (1998-2000) *Wittgenstein's Nachlass. The Bergen Electronic Edition*. Edited by the Wittgenstein Archives at the University of Bergen. Oxford: Oxford University Press. (Ms [Manuscript], Ts [Typescript] e D [Dictation], citados segundo a catalogação de von Wright 1993, 486-492, a partir da transcrição normalizada)⁶⁹
- BLF** 1969 *Briefe an Ludwig von Ficker*. Herausgegeben von Georg Henrik von Wright unter Mitarbeit von Walter Methlagl. Salzburg: Otto Müller.
- BPE** 1970 (1967 [edição anglo-alemã]) Engelmann, Paul, *Ludwig Wittgenstein. Briefe und Begegnungen*. Herausgegeben von B. F. McGuinness. Wien: R. Oldenbourg.

⁶⁶ “Darum kann es auch keine Sätze der Ethik geben. | Sätze können nichts Höheres ausdrücken.” (Ms 104, p. 75 (*Pt*, 6.42)) (*TLP*, 6.42)

⁶⁷ “Es gibt allerdings Unausprechliches. Dies *zeigt* sich, es ist das Mystische.” (Ms 104, p. 75 (*Pt*, 6.43)) (*TLP*, 6.522)

⁶⁸ Cf. McGuinness 2002c, p. 32, para além de *Pt*, p. xi.

⁶⁹ Recorreu-se ainda, sempre que se justificou, à transcrição diplomática, designadamente para a apresentação das variantes fechadas.

- CL** 1995 *Cambridge Letters. Correspondence with Russell, Keynes, Moore, Ramsey and Sraffa*. Edited by Brian McGuinness and G. H. von Wright. Oxford: Blackwell.
- Fb** 1996 *Familienbriefe*. Herausgegeben von Brian McGuinness, Maria Concetta Ascher und Otto Pfersmann. Wien: Hölder-Pichler-Tempsky.
- Gbw** 2004 *Gesamtbriefwechsel. Innsbrucker elektronische Ausgabe*. Herausgegeben von Monika Seekircher, Brian McGuinness und Anton Unterkircher, im Auftrag des Forschungsinstituts Brenner-Archiv. Charlottesville, VA: InteLex Corporation.⁷⁰
- GTb** ³1992 (1985 [edição catalã-alemã e castelhano-alemã], ¹⁻²1991) *Geheime Tagebücher 1914-1916*. Herausgegeben und dokumentiert von Wilhelm Baum. Wien: Turia & Kant.
- LP** 1990 “Letters”, in: Pinsent, David Hume, *A Portrait of Wittgenstein as a Young Man. From the Diary of David Hume Pinsent 1912-1914*. Edited by G. H. von Wright. Oxford: Basil Blackwell, 93-112.
- LPA** 1989 *Logisch-philosophische Abhandlung / Tractatus logico-philosophicus. Kritische Edition*. Herausgegeben von Brian McGuinness und Joachim Schulte. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- LPA** 2004 *Logisch-Philosophische Abhandlung*. Entstehungsgeschichte und Herausgabe der Typoskripte und Korrektorexemplare von Gerd Graßhoff und Timm Lampert. Wien: Springer.
- Pt** 1996 [diagramas revistos] (1971) *Prototractatus. An early version of Tractatus Logico-Philosophicus*. Edited by B. F. McGuinness, T. Nyberg and G. H. von Wright. Preface to 1996 edition by B. F. McGuinness. London: Routledge.
- Tb** 1998 [diagramas revistos] (1960 [edição alemã], ¹1961, ²1979) [*Tagebücher 1914-1916* /] *Notebooks 1914-1916*. Edited by G. H. von Wright and G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell.
- TLP** 1992 (1922, 1933 [edição revista], 1955 [índice adicionado]) *Tractatus Logico-Philosophicus*. German Text with an English Translation *en regard* by C. K. Ogden. London: Routledge.

Outros textos:

- Baum, Wilhelm ³1992 (¹⁻²1991) “Wittgensteins Kriegsdienst im Ersten Weltkrieg”, in: Wittgenstein, Ludwig, *Geheime Tagebücher 1914-1916*. Herausgegeben und dokumentiert von Wilhelm Baum. Wien: Turia & Kant, 127-144.

⁷⁰ Procedeu-se, por coerência relativamente à BEE, à normalização textual, nomeadamente ao nível ortográfico. Nesse sentido, padronizou-se o uso do “B”, sendo que, a exemplo daquilo que se fez em relação ao *Nachlaß*, apenas a pontuação final foi inserida e as abreviaturas, que não fossem comuns, estendidas entre parênteses rectos. Embora comum, o símbolo “&” também foi estendido, para “und”, mas sem recurso a parênteses rectos.

- Bazzocchi, Luciano 2005 “The Strange Case of the *Prototractatus* Note”, in: Stadler, Friedrich; Stöltzner, Michael (Hg. / eds.), *Zeit und Geschichte. Beiträge des 28. Internationalen Wittgenstein Symposiums / Time and History. Papers of the 28th International Wittgenstein Symposium*. Kirchberg am Wechsel: Österreichische Ludwig Wittgenstein Gesellschaft, 24-26.
- Engelmann, Paul 1970 (1967 [tradução inglesa]) *Ludwig Wittgenstein. Briefe und Begegnungen*. Herausgegeben von B. F. McGuinness. Wien: R. Oldenbourg.
- Frege, Gottlob 1976 *Wissenschaftlicher Briefwechsel*. Herausgegeben von Gottfried Gabriel, Hans Hermes, Friedrich Kambartel, Christian Thiel und Albert Veraart. Hamburg: Felix Meiner.
- _____ 1989 “Briefe an Ludwig Wittgenstein”. Herausgegeben von Allan Janik. *Grazer philosophische Studien* 33/34, 5-33.
- Geschkowskí, Andreas 2001 *Die Entstehung von Wittgensteins Prototractatus*. Bern: Bern Studies in the History and Philosophy of Science.
- Jolles, Adele; Jolles, Stanislaus ³1992 (¹⁻²1991) “Wittgensteins Beziehung zu Stanislaus und Adele Jolles 1906-1939: Briefe”, in: Wittgenstein, Ludwig, *Geheime Tagebücher 1914-1916*. Herausgegeben und dokumentiert von Wilhelm Baum. Wien: Turia & Kant, 105-126.
- McGuinness, Brian F. 1988 *Wittgenstein: A Life. Young Ludwig 1889-1921*. London: Duckworth.
- _____ 2002a (1989) “Some pre-*Tractatus* manuscripts”, in: *Approaches to Wittgenstein. Collected papers*. London: Routledge, 259-269.
- _____ 2002b (1999) “The unsayable: A genetic account”, in: _____, 160-174.
- _____ 2002c (1999) “The idea of Jewishness”, in: _____, 27-42.
- _____ 2002d “Wittgenstein’s 1916 ‘Abhandlung’”, in: Haller, Rudolf; Puhl, Klaus (Hg. / eds.), *Wittgenstein and the Future of Philosophy: A Reassessment after 50 Years. Proceedings of the 24th International Wittgenstein-Symposium / Wittgenstein und die Zukunft der Philosophie: Eine Neubewertung nach 50 Jahren. Akten des 24. Internationalen Wittgenstein-Symposiums*. öbv&hpt: Wien, 272-282.
- Monk, Ray 1990 *Ludwig Wittgenstein. The Duty of Genius*. London: Jonathan Cape.
- Pinsent, David Hume 1990 *A Portrait of Wittgenstein as a Young Man. From the Diary of David Hume Pinsent 1912-1914*. Edited by G. H. von Wright. Oxford: Basil Blackwell.
- Pinsent, David Hume; Pinsent, Ellen F. ³1992 (1990 [edição inglesa] ¹⁻²1991) “Briefe David Pinsent und seiner Mutter an Wittgenstein (1914/18)”, in: Wittgenstein, Ludwig, *Geheime Tagebücher 1914-1916*. Herausgegeben und dokumentiert von Wilhelm Baum. Wien: Turia & Kant, 95-104.⁷¹

⁷¹ Esta edição não é exatamente coincidente com a de LP.

- Venturinha, Nuno 2005 "Investigating Wittgenstein's Notes on Logic of 1913 and 1914", in: Stadler, Friedrich; Stöltzner, Michael (Hg. / eds.), *Zeit und Geschichte. Beiträge des 28. Internationalen Wittgenstein Symposiums / Time and History. Papers of the 28th International Wittgenstein Symposium*. Kirchberg am Wechsel: Österreichische Ludwig Wittgenstein Gesellschaft, 318-320.
- von Wright, G. H. 1982 (1969 [edição alemã], 1971, 1979 [edição revista]) "The Origin of the *Tractatus*", in: *Wittgenstein*, Oxford: Basil Blackwell, 63-109.
- _____ 1993 (1969, 1982 [edição revista]) "The Wittgenstein Papers", in: Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Occasions 1912-1951*. Edited by James C. Klagge and Alfred Nordmann. Indianapolis: Hackett, 480-506.